

## Editorial

A revista *Pró-Posições* surge, a partir deste número, em um novo modelo editorial: inclui um *dossiê temático*, ou seja, um conjunto de textos sobre um assunto atual e relevante, escritos por pesquisadores (re)conhecidos por sua competência na área relativa à questão abordada e, além disso, apresenta artigos e resenhas conforme o formato anterior.

Decidimos escolher o tema *Educação especial e políticas inclusivas* para inaugurar essa nova etapa da revista, por se tratar de uma questão polêmica, de grande importância na atualidade e que tem sido, por conseguinte, debatido em inúmeros fóruns nacionais e internacionais, em diferentes países e instâncias. Nesse sentido, os profissionais que trabalham em educação não podem permanecer indiferentes aos problemas fundamentais ligados ao tema, uma vez que, a forma como são tratados acarretam conseqüências não apenas para os que se encontram direta e imediatamente envolvidos nessa área de trabalho, mas para a educação como um todo.

Ao solicitarmos às Professoras Dra. Maria Teresa Egler Mantoan e Dra. Regina Maria de Souza, docentes de nossa Faculdade, para que coordenassem esse dossiê, estávamos certos de que os autores convidados por essas pesquisadoras, trariam uma contribuição variada, e teríamos como resultado uma visão plural do tratamento dessa matéria.

Nessa abordagem diversificada as principais questões são analisadas sob diferentes prismas; observa-se, no entanto, pela leitura dos textos que há algo em comum a todos: a convicção de que não se pode simplesmente defender uma posição *a favor* ou *contra* a inclusão e as políticas propostas pelos PCNs sem que antes se procure, efetivamente, discutir questões básicas, de fundo, que envolvem posições políticas e epistemológicas, além, claro, de problemas de ordem prática e pedagógica. Em suma, as questões recorrentes são:

Porque, nos últimos anos, no mundo inteiro, falar em inclusão passou a ter uma significação relacionada à “modernidade” e ao “politicamente correto”? *Quais* crianças e alunos são alvo dessas políticas? Ao se discutir a inclusão, *como e porque* incluir? Quais os desafios e problemas mais contundentes a serem tratados quando se trata de *inclusão*, em um meio social e cultural como o nosso? Quais as conseqüências/implicações decorrentes da aplicação de medidas “baixadas” por órgãos governamentais no cotidiano escolar? E quais os efeitos de tais políticas sobre os alunos? Como reavaliar o papel e a função dos professores bem como sua formação para atuar em escolas “inclusivas”? Como se colocar em prática medidas inclusivas, levando-se em conta as diferenças e as especificidades dos grupos a serem atendidos, bem como a singularidade dos diferentes “casos”?

Essas indagações perpassam os textos ora apresentados e outras muitas surgem, pois, como bem assinala Veiga-Neto, mais do que apontar soluções, trata-se de tematizar dificuldades. Nesse sentido é importante se conhecer as razões históricas relativas à própria institucionalização do campo que se tornou conhecido como o de *Educação Especial* (Veiga-Neto) bem como aprofundar uma discussão a respeito do próprio conceito de crianças “com necessidades especiais”, como o faz de Lajonquière ao discutir essa idéia sob o ângulo psicanalítico. Trata-se também de se deter sobre o uso atual e corrente da palavra *integração* que traz em si mesma, a aceitação implícita de que, de fato, existe *segregação* o que, segundo Skliar, não deixa de ser positivo. E, cabe ainda se perguntar se, ao substituímos o termo “educação especial” por “educação inclusiva”, algo realmente se transforma, muda além do nome e do local onde os alunos serão atendidos, problema esse que leva à discussão sobre as *representações* das diversas “deficiências” (Skliar, Plaisance). Percebe-se também o quanto essas questões se modificam e/ou adquirem matizes peculiares, dependendo das características do país e das políticas adotadas (Plaisance, Mittler, Souza & Cardoso). E nota-se o quanto as questões abordadas se relacionam a outras referentes à escola para crianças ditas “normais”: por exemplo, o “fracasso escolar” com a conseqüente marginalização dos alunos e a excessiva psicologização do atendimento aos mesmos (Aquino), ou ainda as dificuldades de ordem lingüística que atingem os surdos mas também os alunos provenientes de um meio desprivilegiado (Souza & Cardoso).

Enfim, ao se falar/escrever/comentar/refletir sobre “Educação especial e políticas inclusivas” abre-se uma boa oportunidade para se tratar dos grandes temas pedagógicos e educacionais, uma vez que os problemas levantados transcendem as questões estudadas pelos que atuam diretamente nessa área.



Os cinco artigos apresentados neste número tratam de assuntos diversos.

O primeiro – *Meio e Normas do homem no trabalho*, datado de 1947 de Georges Canguilhem traz reflexões sobre o livro de G. Friedmann *Problèmes humains du machinisme industriel* (1946). Este autor, no dizer de Canguilhem, “busca ultrapassar a atitude analítica e mecanicista no estudo do homem no trabalho preconiza(ndo), clara e conscientemente o exame sintético dos problemas antropológicos”. Por essa análise, nota-se o quanto as questões levantadas e comentadas por Canguilhem, permanecem de grande atualidade e se mostram relevantes para se entender e analisar as mudanças em curso no meio do trabalho, nos dias de hoje

Em *Análise dos conflitos como eixo para a reflexão sobre a prática pedagógica*, Izabel Galvão apóia-se na teoria de Henri Wallon para focalizar alguns episódios de conflitos surgidos com crianças com idade média de 3 anos e 5 meses, em uma

creche pública de São Paulo. Dessa análise decorrem reflexões sobre o valor do conflito, que pode ser considerado positivo desde que se assegure que sejam compreendidos e bem geridos.

As professoras da Faculdade de Educação da UNICAMP – Ana Lúcia Guedes-Pinto e Roseli Aparecida Cação Fontana – apresentam em *Professoras e estagiários – sujeitos de uma complexa e velada relação de ensinar e de aprender* um interessante estudo diretamente relacionado às suas experiências junto aos alunos de Pedagogia atuando como estagiários em escolas. Dois aspectos são enfocados: o primeiro diz respeito a como as autoras, ancoradas em Bakhtin e de Certeau, entendem a inserção dos alunos nas práticas escolares; o outro, se relaciona aos elementos trazidos pelas narrativas e descrições dos alunos-estagiários que permitem uma reflexão sobre a trajetória singular da própria constituição dos professores.

O artigo de Áurea Paz Pinheiro, *Guerra ao despotismo – o pensamento pedagógico da Igreja Católica* esboça uma reflexão interessante sobre a oposição entre o pensamento pedagógico católico e uma proposta pedagógica laica ou dos livre-pensadores tal como surgiu no Piauí no final do século XIX e no começo do XX. O movimento de laicização da escola que na França iniciou-se na época pós-revolucionária, ou seja, nos finais do século XVIII, ao chegar no Piauí, foi considerado como um movimento contra os cristãos pois as escolas laicas eram “escolas de irreligião, de destruição da instituição eclesiástica”. O texto assinala ainda que, não obstante as diferenças das propostas pedagógicas, não havia incompatibilidade entre os projetos no que diz respeito à educação feminina, uma vez que seu objetivo não era o de profissionalizar a mulher mas apenas o de dar-lhe um “polimento” sócio-cultural.

Em *A perspectiva genética em Psicologia: aspectos das teorias de Wallon e Piaget*, Luci Banks-Leite, apresenta pontos dos trabalhos desses dois importantes pensadores do século XX com o objetivo de trazer subsídios para um melhor entendimento do significado de “genético” em Psicologia. Nota-se que o estudo da *psicogênese* adquire matizes bem diferenciados nestas duas grandes teorias mesmo porque o objetivo de cada uma delas também é distinto.

As *resenhas*, por sua vez, tratam de dois livros singulares e inspiradores para aqueles que, inseridos no campo educativo, buscam fontes de reflexão. *A educação de um Selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard*, organizado por Luci Banks-Leite e Izabel Galvão e apresentado por Valéria Ferranti, traz os dois relatórios escritos por Itard na França no início do século XIX a respeito da educação de Victor de Aveyron; os textos do médico-pedagogo bem como os ensaios que os acompanham, abordam assuntos que se coadunam bem com os do *dossiê temático*, uma vez que Itard foi considerado um precursor da Educação Especial. O poético *Livro dos simulacros* de Joaquim Brasil Fontes, apresentado por Pedro Meira Monteiro,

é “um convite ao ócio” ainda que tratando de questões instigantes tal como a relação entre a oralidade e a escrita.

Em suma, esperamos que esse conjunto variado de trabalhos de pesquisadores e estudiosos provenientes de diferentes horizontes possa desencadear reflexões e inspirar o trabalho dos que atuam no campo educacional.

*Luci Banks Leite*